
MÚSICA

17 NOVEMBRO '07

VINICIO CAPOSSELA

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos



SÁB 17 NOVEMBRO 2007 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 · DURAÇÃO 1H30 · M/6

Piano, Voz Vinicio Capossela
Bateria Zeno De Rossi
Guitarras Alessandro Stefana
Contrabaixo Glauco Zuppiroli
Vibrafone, Marimba Vincenzo Vasi
Trompete Eusebio Martinelli

VINICIO CAPOSSELA nasceu em Hannover, na Alemanha, a 14 de Dezembro de 1965. Os seus pais, italianos de origem rural, tinham emigrado no início dos anos 60. Pouco depois do nascimento do filho voltaram para a sua terra na Reggia Emilia.

Chamaram-lhe Vinicio, porque o pai gostava muito dos filmes históricos clássicos dos anos 1950 (*Ben-Hur*, *Quo Vadis...*). Marco Vinicio é um personagem de *Quo Vadis*). Conta Capossela que o pai julgava que Vinicio era um nome artístico. O avô não gostou da extravagância. No dia do baptismo saiu furioso da Igreja comentando: “Que c.... de nome que nem sequer vem no calendário!” E não vem. Capossela diz que, em pequeno, pensou em inventar ele um São Vinicio para que outros não tivessem de passar pelo que passou.

Vinicio inscreveu-se sem sucesso no Conservatório e acabados os estudos, depois de algumas passagens pouco significativas por grupos rock, na segunda metade dos anos 1980 dedica-se ao piano e actua em clubes nocturnos. Nessa altura as suas influências musicais andavam pela cultura *underground* americana e pela canção italiana dos lendários Luis Prima e Renato Carozone.

Por intermédio de Francesco Guccini (1940, outro cantautor italiano) uma sua gravação demo chega ao produtor Renzo Fantini, que promove a assinatura de um contrato do músico com a editora CGD, etiqueta que publica o seu primeiro álbum em 1990 e a que se manteve fiel até ao penúltimo álbum que gravou. O disco chama-se *Alluna e trintacinque cerca*, e nele se notam as influências de Tom Waits, Fred Buscaglione e Paolo Conte.

Apesar de ser um artista desconhecido, o disco recebeu o prémio Tenco para a melhor primeira obra [estes prémios são atribuídos anualmente por um painel de jornalistas de música, músicos e amigos do grande Luigi Tenco (1938-1967)]. Ainda hoje muita gente considera que Tom Waits e Paolo Conte são as grandes referências de Capossela. Mas é uma visão um pouco superficial da sua obra e da sua forma de a interpretar.

Em 1991 saiu o seu segundo disco, *Modi*, título que ambigualmente remete para a palavra francesa *maudit* (maldito) e para o nome abreviado do pintor Modigliani, e que regista mais alguns temas que se tornaram em “clássicos” do cancionero de Capossela.

Em 1992 participa num filme de Sergio Staino (famosíssimo cartoonista, “pai” do personagem Bobo, que fez algumas incursões pelo cinema), *Non chiamarmi Omar*, cuja banda sonora inclui temas do disco *Modi*.

No ano seguinte trabalha com o cómico Paolo Rossi num espectáculo de teatro, *Pop e Rebelot*, em que participa como actor e autor das músicas. Algumas delas vêm a surgir em álbuns posteriores. Vai viver para Milão, na Porta Cinitesa que em certas canções surge como o seu bairro.

Na Primavera de 1994 canta em clubes nocturnos algumas canções que virão a fazer parte do seu próximo álbum. Escreve para novo espectáculo de Paolo Rossi duas canções. E começa a gravar o seu novo disco que se vai chamar *Camera a Sud*. Algumas das canções deste álbum revelam influências de tempo e ritmos da América Latina, sem perderem nada do mundo próprio de

Vinício. Publicado o CD segue-se a digressão, desta vez também por França – onde o disco igualmente saiu – e que culminou, em Novembro de 1995, com um concerto no Théâtre de la Ville em Paris. Entretanto escreveu a música para mais um espectáculo de Paolo Rossi, *Il Circo*.

Em Maio de 1996 começa a gravar o seu álbum *Il ballo di San Vito*, que marca uma viragem na sua obra. Tem como colaboradores Evan Lurie, ex-membro da banda Lounge Lizzards (irmão de John Lurie, o líder desse fabuloso grupo), que assinou alguns dos arranjos e Marc Ribot, que já era guitarrista de Tom Waits. O disco saiu no final do ano, é muito influenciado pelas raízes mediterrânicas de Capossela e assinala as primeiras incursões balcânicas, filhas do fascínio que lhe causava o mundo contado pelos realizadores Emir Kusturica e Milcho Manchevski.

No final desse ano Capossela participa em leituras, com que percorre a Itália, de trechos da obra de John Fante, escritor ítalo-americano, dando a conhecer esse autor ao tempo pouco considerado no seu país.

Em Janeiro de 1997 começa a digressão em teatros do álbum *Il ballo di San Vito*. Em Outubro desse ano, Vinício dá um espectáculo em que, ao lado da sua banda, participou a Kocani Orkestar da Macedónia. O espectáculo foi gravado ao vivo e saiu no ano seguinte o álbum respectivo com o título *Liveinvolvo*, seguido de uma digressão registada em vídeo e publicada em DVD. Só uma faixa do CD foi gravada em estúdio e esse tema foi utilizado no genérico do programa de televisão de Paolo Rossi *Scatafascio* de

que Capossela era convidado residente. Em Novembro sofre um acidente de viação que o obriga a um período de imobilização. Começa então a escrever uns contos que estão na origem do romance que veio a publicar seis anos mais tarde.

Em 1999 compõe, para piano, música para acompanhar a projecção de *Tempos Modernos*, de Charlie Chaplin, que apresenta em diversos teatros com grande sucesso. Segue-se nova digressão com um espectáculo em que interpreta várias canções de outros autores e a que chama *Parole d'altrove* (“Palavras de outro lugar”), com versões italianas de rebéticas (canção popular grega), tangos e outras músicas de outros mundos.

Foi o tempo em que Capossela percorria ruelas e bares de província, entre histórias simples da vida comum e aventuras musicais como a que resultou do encontro com o cantor de jazz Jimmy Scott, uma referência para Vinício, com quem actua em concerto no Festival de Villa Arconati em 2000.

Nesse ano grava o seu sexto álbum *Canzoni a manovella* que teve um enorme sucesso, vendendo 70 000 cópias. Foi dedicado “aos pioneiros aerostáticos, aos temerários, aos marinheiros em garrafa, a Céline, ao revólver de Jarry [referência ao escritor francês Alfred Jarry] e em geral a todos aqueles que tiveram a coragem de usar”. São canções que ecoam lengalengas, marchas, tangos, polcas, canções de embalar, ritmos populares de sabor antigo. O disco recebeu o prémio Tenco para o melhor álbum do ano.

Segue-se uma longa digressão baseada no novo álbum que consolida a sua reputação sempre crescente. No Verão

de 2001 participa no célebre Festival Umbria Jazz num concerto com Marc Ribot e Los Cubanos Postizos.

No dia de Natal Capossela actua num espectáculo gratuito na praça defronte da Estação Central de Milão. Na noite de 24 foi transmitido um programa seu na estação pública Raidue, *Canto di Natale*, uma redução radiofónica de Contos de Natal de Charles Dickens, reelaborada e recitada pelo próprio Capossela. No final do ano faz uma espécie de mini digressão natalícia com o espectáculo *Concerti per le feste*. Em anos sucessivos Vinício manteve-se fiel à apresentação de concertos de Natal.

Durante 2002, para além da digressão estival e de alguns concertos de surpresa, trabalha no seu livro, prepara uma gravação de uma selecção de canções suas, apresenta, na época natalícia, o espectáculo *San Nicola Tour – da S.Nicola a S. Silvestro*.

Em Janeiro de 2003 sai *L'Indispensabile* a primeira antologia da obra de Vinício, com 17 canções nas suas versões originais e uma versão inédita de um tema de Adriano Celentano, homenagem a seu pai, grande fã do cantor. Também este álbum recebeu o prémio Tenco para melhor disco do ano. Seguiu-se a digressão habitual que teve a sua versão mais surpreendente num espectáculo no Palalido de Milão, um antigo templo do boxe italiano, para “um encontro simbólico como o seu passado”: *Vinício Capossela vs. L'Indispensabile*. O palco tomou a forma de um ringue de box, Capossela entrou de roupão e luvas apoiado pelos aplausos dos seus fãs.

Em Outubro, no Clube Tenco, Vinício apresenta três sonetos de Michelangelo,

acompanhados de um pequeno ensemble de instrumentos antigos. Em Dezembro apresentou o seu habitual concerto natalício.

Em Março de 2004 é publicado o seu romance *Non si muore tutte le mattine*. Foi apresentado em Milão com uma leitura improvisada que constituiu um ponto de partida para um novo projecto. O livro teve muito êxito no público e na crítica e recebeu o Prémio Frignano para a melhor primeira obra.

O ano de 2004 foi preenchido com digressões de espectáculos variados, com formações e estruturas diversas, mas em que as leituras de trechos do seu romance vão sendo progressivamente mais importantes. As leituras transformam-se num espectáculo verdadeiro e próprio, com teatro de sombras, interferências sonoras, duplicações de sons, sobreposições, ecos. *Voci, echi, suoni e visioni da Non si muore tutte le mattine*, passou a chamar-se.

Depois de uma viagem pela Sardenha e, uns meses a seguir, por Belgrado, Sarajevo, Sofia, Moscovo, na Primavera de 2005, Vinício começa a trabalhar num novo álbum. Sardenha, Emília, Puglia, Campania, Marche, Veneto, Lazio... a escrita e a gravação do disco começaram em Junho em lugares diversos e distantes, com músicos escolhidos para cada canção. *Ovunque Proteggi* (Onde quer que estejas tu proteges), é o título do CD, que estava pronto no Outono mas que foi decidido que saísse apenas em Janeiro de 2006. Nele participam músicos como Mario Brunello (violoncelo), Roy Paci (trompa), Marc Ribot (guitarra), Stefano Nanni (piano), Ares Tavolazzi (contrabaixo), Gak Sato (electrónica). Rico em referências históricas,

bíblicas e mitológicas, não deixa de estar profundamente ligado à actualidade, onde encontra o seu significado mais profundo. É uma parada de personagens que Vinicio define como “desventurados de todos os tempos históricos” confusos entre a miséria da sua condição humana e o desejo de levantar os olhos para a graça de Deus. Viajar no espaço e no tempo serve quase como um “sedimento arqueológico” que faz de *Ovunque Proteggi* um álbum geográfico no estilo de Pasolini – contém uma geografia de lugares e de pessoas, dos encontros importantes que Vinicio teve antes de completar a sua obra. A primeira pedra foi colocada em Roma, em frente ao Coliseu, durante a gravação do tema *Al Colosseo*. Foi o princípio de seis meses de trabalho durante os quais Capossela escreveu e gravou nos próprios lugares para que as canções o levaram: uma caverna pré-histórica na Sardenha, uma igreja na Sicília ou em Milão, um teatro em Treviso, o mosteiro em Montebello...

Ovunque Proteggi entrou rapidamente no primeiro lugar da lista dos discos mais vendidos em Itália, conquistando o disco de platina com mais de 80 000 cópias vendidas.

Em Fevereiro inicia-se a digressão dos espectáculos baseados no CD nos quais Capossela usa figurinos e máscaras e se socorre de teatro de sombras, numa encenação do próprio conceito do álbum. A digressão conclui-se em Maio, depois de quase quarenta apresentações.

Uma nova digressão no Verão apresenta um versão diversa do espectáculo, com outros temas, outro alinhamento das canções, outra composição da sua banda, outros arranjos. Também este

disco recebe o Prémio Tenco para melhor álbum do ano. Recebeu também o Prémio Lunezia da Crítica (o prémio Lunezia, de grande prestígio em Itália, foi criado em 1996 para recompensar as letras das músicas e premeia autores em várias categorias).

Capossela apresentou-se no Festival de Outono em Madrid o ano passado, seguindo-se concertos em Barcelona e Palencia. O álbum foi publicado em Espanha a 20 de Outubro. Em Novembro saiu *Nel niente sotto il sole – Grand Tour 2006*, documentação em DVD e CD dos espectáculos e da digressão italiana que foi vista por cerca de 100 000 espectadores.

Vinicio Capossela prepara actualmente o seu próximo álbum, a sair em 2008. Entretanto, este ano tem-se sobretudo apresentado fora de Itália – Alemanha, Grécia, Suíça, França, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, Estado Unidos, República Checa, Áustria, Portugal, para além de eventos especiais em Itália como o Festival Maggio Fiorentino, ou o Festival Cremona de Poesia.

De todos este extenso currículo ressalta a prodigiosa criatividade de Capossela demonstrada numa grande variedade de disciplinas (do romance à poesia, da música à *performance*, do teatro à rádio e televisão), a sua constante necessidade de experimentar, de procurar novos caminhos, novas formas de expressão criativa. Como cantor e autor é sobretudo no palco, ao vivo, que Vinicio exerce todo o seu fascínio.

Adaptado de <http://capossela.warnermusic.it>, com informações adicionais recolhidas de várias fontes

Letras das canções

Com uma rosa

Com uma rosa disseste
Vem-me procurar
Ficarei só toda a noite
E eu por ti...
Morro por ti
Com uma rosa, vim ter contigo

Branca como nuvens altas,
Como uma noite amarga passada em vão
Como a espuma que sobre o mar escuma
Branca não é a rosa que te trago

Mas amarela como a febre que me consome,
Como o licor que enfeitiza as palavras,
Como o veneno que pinga do teu seio
Amarela não é a rosa que te levo

Suspiram as rosas que no ar sopram
Pétala a pétala mostram a cor
Mas a flor que sozinha cresce nas silvas
Vermelho não é o amor
Branco não é a dor
A flor é só uma prenda que te dou

Rosa como um romance de pouca importância
Como o medo que surge na cara
Como a espera que pesa nos lábios
Rosa, não é a rosa que te levo

Tal como a púrpura que inflama de manhã,
Como a folha que aquece a tua almofada
Como a espinha que do coração se aproxima
É vermelha a rosa que te levo

Lágrimas de cristal a molharam
Lágrimas e vinho entornados pelo caminho
Gota a gota perdidas na chuva
Gota a gota secaram-lhe o coração

Traz-me então, traz-me a flor mais bonita
Aquele que dura mais do que o amor em si

A flor que sozinha não espelha as silvas
Perfeita pela dor
Perfeita pelo seu coração
Perfeita pela prenda que faz de si

Letra e música: Vinício Capossela
Edições: blue team music edizioni musicali /
l'alternativa edizioni musicali

Morna

No céu de cinzas afunda
O dia dentro da onda
À beira da noite
Temo desaparecer também na sombra
A noite que se aproxima é uma orquestra
De pirilampos e giesta
Entre ecos de brindes e fogos
Viúvo de ti
Sempre só sempre de parte e abandonado
Quanto mais me afasto mais ela regressa
Na pena de uma morna

E no amor que sinto sopra um lamento quente
E vem do escuro e do mar
Quão grande é a noite e o teu pensamento cá dentro

Escondido no escuro e no mar
Já não grito
E imaginar ainda
Que aqui só há vento
E então as palavras

Será o vento da noite
que molha e de seguida se enxuga
E lábios e vozes que se recordam
E carne que se abana
Será a ausência
Que me apaixona
Como me apaixonou.
Tristeza que não vem sozinha

E não é de agora
Mas alimenta-se e cobre-se de dias
Passados em desgraça
Quando a vida é desperdiçada
Uma vez
É desperdiçada sempre

E no amor que sinto sopra um lamento quente
E vem do escuro e do mar
Quão grande é a noite e o teu pensamento cá dentro

Escondido no escuro e no mar
Já não grito
E imaginar ainda
Porque tudo é somente
Vento e saudade de então

Será que o vento da noite
Molha e de seguida se enxuga
Será ainda música e sorriso
E um coração que não se cala
Será a espuma dos meus dias
Que se enche e depois se espuma
Será a alma que se torna
Na festa de uma morna

Letra e música: Vinício Capossela
Edições: blue team music edizioni musicali /
l'alternativa edizioni musicali

Último amor

Fresco era o ar de Junho
E a noite sentia o Verão a chegar
Tequila mariachi e sangria
A festa convidava a beber e a dançar
Ele curvo e curioso calava-se
Uma história de amor procurava
Olhava as mulheres dos outros
A falar e a dançar

E quando a noite morria
Os pássaros que habitualmente anunciam o dia
Os casais abraçados eram os primeiros
A deixar a festa para se irem amar
A pista de dança vazia ficava
Ele cansado e suado esperava
Ela por brincadeira rodou a saia
E pôs-se a dançar

Tinha os olhos tristes e bebia
Andava à roda e ria mas parecia sofrer
Ele falava apertava dançava
Olhava aqueles olhos e tentava perceber
E disse estou carente de amor
A minha mulher partiu-me o coração
Ela disse o meu coração de amor
Nunca mais baterá
E depois com o cheiro das valas
Ele julgou poder ver naqueles olhos
A mesma dor que quebra as veias
Que o deixa quebrado da noite
A lua pedia mais estrelas
Que a aurora imperiosa afastava
Ela recolheu a saia larga
E já desorientada
Depressa o seguiu

Chorando gritando e gozando
Naquela noite ela a ele se uniu
Empurrando temendo e abraçando aquela noite
E com ela ele logo percebeu
Que o seu coração estava vivo
E já o nome dela soava doce
Desfez o seu voto de amor
E a ela se entregou

Depois no Verão bebendo e brincando
Uma nova estação lhe parecia estar a chegar
Então falava inventava brincava e
Ela por vezes ouvia e parecia até divertir-se
Mas chegada a noite
Voltada para o outro lado na cama chorava

E rezava para poder voltar ao seu amor.

E um dia com o cheiro das valas
Ele esperou em vão para a ver chegar.
Caía a noite e apenas cresciam
A raiva e o silêncio da noite
A lua pedia mais estrelas
Que a aurora imperiosa afastava
Ficava a angústia somente
E a grande saudade
Por não a ver voltar

O comboio é um clarão de fogo
Quando se olha endoidecido a composição a vir
Um momento um pensamento sem fôlego
E a vida foge sem sofrimento
Só a poderão reconhecer
Pelos anéis molhados pelo seu choro.
O choro do seu último amor,
Que teve que abandonar
Ele não disse uma só palavra
Da sua garganta nem um suspiro fugiu
A espera é brusca nos modos
Se destes episódios não tirem nada
E assim ficou sozinho a recordar
O licor parecia nunca mais terminar.
Dentro daquele copo reviu
Uma noite de amor

E com o cheiro das valas
Ele julgou poder ver naqueles olhos
A mesma dor que quebra as veias
Que o deixa quebrado da noite
A lua pedia mais estrelas
Que a aurora imperiosa afastava
E com ele ficou somente o rancor
Daquele seu amor breve
Que nunca mais esqueceu

Letra e música: Vinicio Capossela
Edições: blue team music edizioni musicali /
l'alternativa edizioni musicali

Escorrega, vai embora

Sem idade
O vento sopra a
Sua imagem
No vidro
Atrás do bar
Gotas de chuva
Tempestades de amor
Tudo passa e deixa para trás
Escorrega
Escorrega vai embora
Não vás
Escorrega
Escorrega vai embora.
Afasta-te de mim

Canções e poesias
Punhais e palavras
As tuas recordações
São já antigas.
E os sonhos de noite
Que pedem amor
Caem de manhã
Sem ti
Caminha só
Gritando para os lampiões
Não temos alternativa senão cantar

Escorrega,
Escorrega vai embora
Não vás.
Escorrega,
Escorrega vai embora
Afasta-te de mim

Letra e música: Vinicio Capossela
Edições: blue team music edizioni musicali /
l'alternativa edizioni musicali

Arde Tróia

Ei-la vem aí
Tem quatro braços e duas cabeças
Quatro pernas e duas cabeças
Agora que ela
Tem quatro olhos e duas cabeças
Quatro mãos e duas cabeças

E cá está o filho
Que te afugentará
Que te matará
Que tomará
O teu lugar no mundo.
E tal como agora apanhou
A carne dela,
Tal como agora roubou
O amor dela,
Já te roubou o olhar dela
Com ele já te atraiçoa

O Horror O Horror

Bárbaros da “colquide”
Os vapores levantam-se na sombra
O Cavalo de Tróia está bêbado
Como os meus cabelos
O Cavalo de Tróia está como os meus cabelos
Como a minha bebedeira

O Cavalo de Tróia está bêbado

Faz luxo meu querido das tuas coxas
Faz luxo minha amante dos teus braços
O vinho escorra como sangue nas crateras
Nós apreciaremos o dia
Mais um dia
Arde Tróia Arde Tróia Tróia Arde
Como eu ardo por ti...
Pelos teus anos abraçados no cerco
Pelos teus jardins favos de mel
Os dentes mordam a terra preta

Nós apreciaremos o dia
Mais um dia

Arde Tróia Arde Tróia Tróia Arde

15 homens 15 homens e 40 cabeças de porco

Arde Tróia Arde Tróia Tróia Arde

Pelos anos que viveste no cerco
Pelos teus anos que ainda sobram ao sol

Sou eu o meu Minotauro
Devero quem se aproxima de mim
Fechado no meu labirinto
Devero quem se aproxima de mim

Zara dos deuses
Mãe dos heróis
A terra beija-te
Arde Tróia Arde Tróia Tróia Arde
Como eu ardo por ti...

O Rosário de “A CARNE”

Carne...
Consolem a minha carne
Na carne que és
Na carne que voltarás a ser
Solidão da carne
Das almas de qualquer carne

Tormento da carne
Corpo sagrado da carne
Compaixão da carne
Fogo fátuo da carne
Carne e carne
A morte da carne

Piedade da carne
Luto da carne

A escuridão da carne
A paixão da carne
A penitência da carne
O êxtase da carne
O caos da carne

Escândalo da carne
Sacrifício da carne
E a carne quer carne
Santuário da carne
A morte da carne
Êxtase da carne
Sacrifício da carne
Apodrecimento da carne
Florescer da carne.
Confortem a minha carne
Na carne que és
Na carne que voltarás a ser
Não morreu
Não morreste.
Na carne

O Homem Vivo (hino à Alegria)

Deixou o calvário e o sudário
Deixou a cruz e a caneta
Sacudiu o sono do corpo
E agora para sempre
Para sempre está connosco!

Se o Pai Eterno o tivesse abandonado
Agora os aldeões acompanham-no
Que grande festa poder abraçá-lo
Que grande festa levá-lo a comer

Tem raios nas costas
E irradia Ale-Ale-gria!
Os dedos esticados indicam Ale-Ale-gria!
As mãos explodem pela Ale-Ale-gria!
Lança-se nos braços de todos por Al-Al-egria!

Está doido de Alegria
É o Homem Vivo!
Deita-se de lado, não sabe onde ir
Porque está doido de Alegria
É o homem vivo
De ombro em ombro
De encontrão em encontrão.
As guinadas
Traçam-lhe o caminho

Levntemo-lo em peso, jovens
Façamo-lo saltar
Até chegar ao alto, até ao céu
Até que ele veja o mar
Até que veja o quão bela é a vida
E nunca deveria acabar
Baloíça, vacila
Nos ombros da multidão
Atira-se
Levanta-se
Ao céu se eleva

Com os três dedos
O caminho parece indicar
Mas nem ele
Nem ele sabe por onde ir...
Baloíça vacila
Ao céu se eleva
Com os três dedos
O caminho parece indicar...

Porque está doido de Alegria
É o homem vivo!
Deita-se de lado, não sabe onde ir
Depressa, passeia sem moderação
Vai o Cristo de madeira
Não acredita nos seus olhos.
Não acredita no que ouve.
Nem sequer tempo para ressuscitar, logo
Levaram-no para comer...

Tem raios nas costas e irradia Ale-Ale-gria!

Amontoam-se em baixo pela Ale-Ale-gria!
As mãos explodem pela Ale-Ale-gria!
Cobrem-no de cravos por Ale-Ale-gria!

Alegria viva Alegria viva para nós
Alegria viva Alegria viva para nós...

Por aqui, por ali, não por aqui...
Por aqui, não por ali...
Por aqui, não por ali... Ale-gria! Ale-gria!

Está doido de Alegria...
É o Homem Vivo

Explode a noite
Num instante
Para o Cristo de madeira,
Que, Cristo como era, tornou-se cristão

Baloíça, vacila
Nos ombros da multidão
Até chegar ao alto, até ao céu
Até que veja o mar
Até que veja o quão bela é a vida
E nunca deveria acabar...

Pena da Alma

Serenata

Que farei longe de ti, pena da alma,
Sem te ver, sem te ter, sem olhar para ti
Mesmo longe não queria esquecer-te
Mesmo que agora seja impossível o nosso amor

Como extrair o perfume da flor?
Como tirar do vento a harmonia?
Como negar que te amo minha vida...
Como tirar do meu peito esta paixão

E ver que cruel destino agora virá

Mas a sombra que agora nos une é o que mais
me entristece

O meu coração diz-me
Que não pode
Continuar a seguir-te
E nem esta angústia suportar

Como tirar às estrelas o seu brilho
Como impedir que o rio corra para o mar
Como negar que o meu peito está a sofrer
Como tirar da alma esta paixão

Como extrair o perfume da flor
Como tirar do vento a harmonia
Longe dos teus braços...
Sobre os meus joelhos
Assim é, o tirar-me do peito esta paixão

Longe dos teus braços...
Sobre os meus joelhos
Assim é, o tirar-me do peito esta paixão

Excerto de "Prenda da alma"
(Tradicional - México)

Onde quer que estejas, tu proteges

Não durmo e tenho os olhos abertos para ti
Olho para fora e olho à roda
Como está cheia a estrada
De pó e de vento
No caminho do regresso

E quando chegares...
Quando voltarás para mim!...
Olha para o canto do céu
Onde está escrito o teu nome
Está escrito no ferro
Do aro de um anel

E ainda me seduz

E me faz suspirar assim
Agora e por quanto tempo
Voltará o encanto...

E se me encontrares cansado
Se me encontrares apagado
Se o melhor já tiver passado
E eu não tiver sabido
Mantê-lo dentro de mim...

Os velhos já sabem o porquê
E também os hotéis tristes...
Que muito é por pouco
E, mesmo assim, não chega...
E é só uma vez...

Ainda proteges
O encanto do meu coração
Agora e até que
Volte o encanto,
O encanto por ti
De te ter perto de mim

Tenho pedras nos sapatos
E pó no coração
Frio, mesmo ao sol
E não bastam as palavras...
Lamento, se pequei
Lamento, se me enganei
Se não fui
Se não voltei

Mas tu ainda proteges
O encanto no meu coração
Agora e até que
Se torne no tempo
O tempo para partir
O tempo de ficar...
O tempo de deixar
O tempo de abraçar

Na riqueza e na fortuna

Na tristeza e na pobreza
Na alegria e no clamor
No luto e na dor
No frio e no sol
No sono e no ruído

Seja onde for tu proteges
A alegria do meu coração
Seja onde for tu proteges
A alegria do teu coração

Seja onde for tu proteges
Protege-me do mal
Seja onde for, tu proteges
A alegria do teu coração

S.S. dos Naufragos

E vem da água
Vem do sal
A penitência
Do amargo do mar

E o comandante avança
E nada se pode fazer
Quer uma morte
E quer enfrentá-la

E ali a esperava
Onde o sol se esconde
Onde se esconde e não morre
E a água não o lava
E o demónio veste-se de luto
Sobre bancos de água enfeitados
De óleo e de petróleo

E o vento não levantara
E o mar apodrecia
Unidos por um só raio
Todos retidos como reféns...
Avança-se lentamente

Sem motins

O comandante está louco
E avança no pecado
E o demónio que é seu
Agora quer-me
Brinda com o sangue
Com ódio convence-nos
Seja que se o seu barco é vencedor
Também o meu o deve ser

E os olhos não viram
Não viram a luz
Não viram a seara
Que outros não tinham...
E o céu escureceu
E gritou a nuvem do céu
E teve fome de abismo
Para que a todos apanhasse

Oh minha mãe
Minha salvação pega-me a alma
Oh minha mãe...
Os ossos na água

Almas brancas
Almas salvas
Almas vinde
Almas atormentadas

Que eu tenha duas moedas
Duas moedas sobre os olhos
Duas moedas pela honra
Duas moedas em penhor
Para pagar a madeira
O duro remar do barqueiro

Vem olhos de flúor
Vem para o teu trabalho
Vem fantasma do tesouro

A vela retesa, o vento pega-a

A vela cai, as erinias afastadas
E acesos nos mastros
Estão os fogos faturos
Os fogos alados
Da santíssima
Dos naufragos...

Oh! Minha mãe...
Salvação pega-me na alma

O tempo esgotava
O calor assava-nos
Falávamos para quebrar
O silêncio do mar
E a madeira cedia à água do seu choro
A vela caiu e a sede secou-nos

ÁGUA, ÁGUA, ÁGUA POR TODOS OS LADOS
E NEM SEQUER UMA GOTA,
NEM SEQUER UMA GOTA PARA SE PODER BEBER

E os homens apagavam
Apagavam a respiração
Apagavam a voz
Em nome do ódio que a todos inundava
O céu riscou-se
De barras ao portão
O rosto de fogo, por dentro prendeu
Vimos o espectro
Vir de longe
Para agarrar
O preto de danação
Vida na morte
Vida na morte
Aquele era o seu nome

Oh! Minha mãe...
Salvação pega-me na alma
Oh! Minha mãe...
Salvação, pega-me...

Esta é a balada

De quem se perdeu no mar
E não tem lápide
Nem ossos na areia
E nem em pó regressa
Mas arde nos mastros
Nos fogos sagrados
Os fogos alados
Da santíssima dos náufragos

Oh santíssima dos náufragos
Vem a nós
Que andámos
Sem lágrimas
Sem glória
Vem a nós
Perdão piedade

Senhora Lua

Perdida no céu
Ao longo da noite do meu caminho
Estão duas luzes
Que me acompanham
Onde quer que eu esteja
Uma no sol
Por mais que o sol
Me cubra de ouro...
Uma no escuro
Por mais que o gelo
Me queira para si

Senhora Lua, que me acompanhas
Por todo o mundo
Podes explicar-me
Onde está o caminho que conduz até mim?...
Talvez no sol
Talvez na sombra...
Assim parece ser
Sombra no sol
Luz na sombra
Sempre para mim

Perdida no céu
Ao longo da noite
Do meu caminho
São duas luzes que brilham sempre
Onde quer que eu esteja
Brilham altas
Brilham intensas
Até parecerem ser
Os olhos
De quem eu já perdi
E que olham por mim

Senhora Lua que me acompanhas
Por todo o mundo
Podes tu explicar-me onde está a estrada
Que me leva a ela?
Não escureça
Senhora Lua,... se eu não amei,
Diz-lhe a ela
Que só ela
Olha por mim

Não escureça Senhora Lua
Se eu não amei
Só nos olhos
De quem já foi,
Olha por mim

Para os lados de Spessotto

Estamos para os lados de Spessotto
Nascidos há pouco pelos lados de baixo
Sem camisa, sem disputas
Sem as atenções que se dão às meninas

Para os lados de Spessotto
O chá de ontem aquecido às oito
Os deveres feitos na cozinha
À luz fraca da tarde de ontem

Para os lados de Spessotto

Com um rombo no barco de borracha
Com o fundo duplo no casaco
E com o avental sem laço

Vós que temeis o amanhã, que temeis a abertura...
Estamos prós lados de Spessotto!

Somos da raça de Zoquastro
Os eternos votados para o emplastro
No forno enxuga-se a tinta
Das folhas caídas na valeta salobra

Do lado da represa
Da água da bacia reutilizada
O telefone com cadeado
E pelo Natal nenhuma bicicleta!

Para os lados de Spessotto
E se não funciona quer dizer que está estragado
Do lado do “bolas para tudo isto”
E se não compreendes então partes tudo!

A escuridão
Tal como um polícia
Já me agarra a alma
Atrasados aqui no meio da rua
Não somos por David
Somos por Golias!

Não por David e a sua escaramuça
Não pelos primeiros mas também pela doutrina
Com o caruncho no ouvido
As “flanelas” que nos comem na cama

Com os pecados por redimir
As penitências por cumprir
Seis anos e já estás perdido
E quando te interrogam, ficas mudo! Mudo!

Para os lados de Spessotto
Que não falam claramente
Que não falam a verdade

Que não são sinceros
Guarda os teus problemas na gaveta
Se ficares calado nunca mentirás

Adamo Nobile, Carmine Quirico
Rocco, Crocco e la Banda Spessotto
Escondidos no fundo do porão
Nas últimas carteiras da fila

Deslumbrados pela baleia
Na pança da falena
Clandestinos às costas
Atirados ao mar das almas penadas

Fugidos dos deveres, fugidos da ordem
Oscilantes debaixo da banca
A jogar às escondidas
Às escondidas do olhar divino

O nosso paraíso é este aqui
Sem graça
Sem jardim

Até à chegada da noite
Já não somos filhos do cé-
Filhos do cé-
Filhos do céu
Mas antes daqueles patifes do Adão e de Eva

A escuridão
Como um polícia
Já me agarra a alma
Atrasados aqui no meio da rua
Já me está a agarrar e a levar-me...

Para os lados de Spessotto
Do lado acabado debaixo

Mas acabamos todos no chão
Estamos todos a segurar as tripas
Os bêbados, os feios, os danados
Mas também os sóbrios, os bonitos , os

afortunados

E quando chegar o dia do meu juízo final
Direi de que lado é que peguei o meu vício
Por qual pena pagarei o imposto
Em que seita estou desde o princípio

De que torrão elevei o meu canto
De qual pedra dei fogo ao meu choro
Por que céu espalhei o meu barulho
Não o de David
Só o de Spessotto

O nosso paraíso é este aqui
Até à chegada da noite
Já não somos filhos do cé-, filhos do cé-
Filhos do céu
Não de David
Só de Spessotto

Bardamù

Tão escura
Que foi a noite
Não deixa que a espuma
De cerveja a salve
E uma praia
E uma linha de areia,
E na frente de um adeus.
Os outros que troquem de alma
Para melhor atraíçoar
Para melhor esquecer

Bum Bum Bum
Bardamù
Bum Bum Bum
Bardamù

Couraceiros Brocados!
Às armas em fila! Aos aeróstatos!
Dirigíveis a hidrogénio
Levantam-se no ar
E as bailarinas em fila

Dançam
Dançam
Leves, leves em tutu
Leves, leves demais
De todo o meu lixo.

Disparado entre os astros numa bola
Cheia de música
Só à chamada mais longínqua
Eu quero a noite
E quero-a sem lua...

Mas nada de canções de amor
Nunca mais me apanham o coração.
A noite passou e as nuvens
Enchem-se de espuma de Báltico e cinzas
E cinzas terei...

Bum Bum Bum
Bardamù
Bum Bum Bum
Bardamù

Leves, leves em tutu
Leves, leves demais
De todo o meu lixo

Se é circo que querem
Circo daremos
E carrinhos de olhos e tristezas
E fósforo e enxofre
E cheiros de nada
E de Norte
E ainda que se troque de alma
Para melhor atraíçoar
Para melhor esquecer...

Mas nada de canções de amor
Nunca mais me apanham o coração
A noite passou e as nuvens
Enchem-se de espuma de Báltico e cinzas
E cinzas terei...

(A emoção é tudo na vida,
Quando se morre acabou...
A emoção é tudo na vida,
Quando se morre acabou...)

Marajá

Marajá! Marajá! Chegou o Marajá!
Chegou no balão com um tiro de canhão
Chegou num triciclo com gotas nas bochechas
Chegou num aeróstato com os homens
robustos do Cáucaso,
No Mercedes com cabina, chegou o Marajá.

Com o monóculo e o ciclofone
Aparece numa parada o Marajá
Levanta-se o pau do atleta
Quando passa o Marajá.
Levantam-se os manúbrios
Dos levantadores búlgaros.
Dispara-se o homem canhão
Quando passa o faraó
Abre a cauda o pavão,
Se o pede o Marajá

Mija-se e escangalha-se a rir.
Perturba-se o Marajá,
Mexe-se a relé,
Quando quer o Marajá.
Gritam alto os convidados,
Enchem os odres e as canecas.
As regalias enchem-se
Quando consente o Marajá.
Mas terminam e calam-se
Se o Marajá espirra
E desaparecem
Se o Marajá piscar o olho
Os guardas otomanos
Vigiam os seus divãs
Com o leque e com harém
Lustram o Marajá.

A circassiana sobre uma estola
De ermellino consola-se
Os olhos violeta fortalece
Sobre as almofadas de taftá;
Na corrida das avestruzes
Expõe os seus vícios
Sonham todos os seus topázios
Em tornar-se Marajá

Marajá Marajá!

Com o gancho e a finança
Se enche o Marajá
A todos acolhe, a todos cega
A todos encanta o Marajá
Faz de pai e de padrinho
E leva todos ao seu destino.
Não precisa mais de pensar
Mas pensa em tudo o Marajá
E pega com cuidado,
Todo o podre do seu olhar.
Se não acredita em mais ninguém
Ninguém acredita também em ti.
O homem mau apanhou os meus olhos
E não mos restituiu
É o homem mau que te agarra
E te retém um ano inteiro
Cobriram-me todo de ouro
E depois deixaram-me só
Só, só aqui a pensar
Em tornar-me Marajá
Marajá! Marajá!

Letra e música: Vinicio Capossella
Edições: blue team music edizioni musicali /
l'alternativa edizioni musicali

Modi

Cai a noite
Sobre os telhados e lampiões
E sobre os vidros embaciados dos bares
E o frio devora-nos
A mente e as mãos
E a cor da âmbar onde está?
Pensa de novo na luz
E no sol de Itália
Que Dante cantou no Outono

Que eu estou perto de ti.
E tu sabes porquê
Fica perto de mim
Esta noite e amanhã se poderes

Lembra-te da rua Roma.
A lua ria-se
Ali escolhi-te e quis-te para mim.
Olhavas-me e falavas
Das tuas caretas estranhas
Dos olhos que a idade tiraste
E agora derrete a noite
Nos “pernod” nos cafés
Nas recordações que temos de nós
Pelos amores tardios
Para viveres morrias
Para me encontrares fugias até cá
Porque o Livorno dá glória
Somente no exílio
E na morte a celebridade.

Mas eu estou perto de ti
Em silêncio ao teu lado
Fica perto de mim
Esta noite e amanhã se poderes.

Esta e outras noites
Virão também se
Não sentirmos de novo o cantar
Ouviremos a chuva
Molhar-nos as cores

E misturar os meus pensamentos com os teus
Já esta a amanhecer e tenho medo
De estar e ficar
Sozinha a esquecer-me de nós.
Então fico perto de ti
Mesmo que não vejas que
Eu estou aqui perto de ti
Esta noite e amanhã
Estarei...

Letra e música: Vinicio Capossela
Edições: blue team music edizioni musicali /
l'alternativa edizioni musicali

O Corvo Carrancudo

O corvo carrancudo sentado ali à beira
Está alerta e atento entre gerânios e transmissões.
Preso entre a lua e a luz que gasta
A luz da lamparina o quadro obliquo do horário...

Corvo guloso habituado às camélias
Ao perfume das gavetas ao reflexo dos espelhos
Aperta no meio do bico a corneta que ela larga
Enquanto que Billie não pára de cantar
“Man I love”.

Passeio perto de casa no bairro
Acompanho os muros ao lado do quintal.
E não me seduzo por subir.
Não subirei esta noite e não me importa
O que há atrás da porta.

Como um corvo entre as raparigas do bairro,
Que não têm nada que não mexem contigo
Que fazem um movimento e voam
Enquanto rastejam aos pés
Saúdam-te e logo verás
Que já não são suficientes.

Corvo carrancudo agarrado debaixo do telhado
Inchado e bazófia com despeito em cima da cama

Luz da vela frágil no final da tarde
Tremem as sombras como uma aranha que se funde
Gralho sobre o ruído do seu gemido que morre
E gralha ele que vê o quanto cede
O quanto acredita.

Está rebentando na rua o Carnaval
Confetis fitas e serpentinas saltam
Sobre tudo e todos.
Passeiam máscaras. Abraçam-me amorosamente.
Lucifer não pára de saltar
Linhas de sombra e sinais entre a roupa
interior azul
Perdidos nas dobras de quem já fugiu
O corvo não o diz mas sabe que eu já sei
Como ela o vê quando cede quando acredita

Corvo carrancudo sentado ali à beira
Olho sem ver, medo de não ter
Outra noite para queimar no seu gemido que
morre
Mas serei eu a regressar, mente ainda por favor...

Letra e música: Vinicio Capossela
Edições: blue team music edizioni musicali /
l'alternativa edizioni musicali

A Baile de São Vito

Salsichas e fígados
Vísceras na brasa
E archotes dançando
Chapas balançando
Sobre as paredes da igreja flamejante

Vinho, bancas
Terra queimada vermelha
Terra do sul, terra do sul
Terra de confirm
Terra de onde acaba a terra

E o continente não quer saber
E não o vento
E o continente não quer saber e não o vento
Mustafá vem de África
E aqui sopra o vento de África
Que nos diz agarrem-me firme
Que nos diz agarrem-me firme
Tenho a doença do baile de S. Vito e não me
passa
Tenho a doença do baile de S. Vito e não me
passa.

A angústia que sentia de tarde
Foi-se embora com o rum
Foi-se embora para o sítio de onde tinha vindo
Velhos e jovens picados
Velhos e jovens picados
Pela taranta, pela taranta
Atingidos pela tarantulada
Cercos que fecha, cerco que abre
Cercos que aperta, cerco que aperta
Cercos que abraça e depois te afasta

Tenho a doença do baile de S. Vito e não me
passa
Tenho a doença do baile de S. Vito e não me
passa

Dentro do cerco do vudu deito-me
E aí vejo que a vida é só aquele momento
Afugenta, afugenta Satanás
Afugenta o diabo que te passa
Afugenta o mal que tenho em mim não estou
parado
Afugenta o mal que tenho em mim não estou
parado.

Nós os dois dançamos a dança das espadas
Até ao rasgar vermelho do alvorecer
Que ninguém me espere, que ninguém me espere.
Que ninguém me espere ou de mim suspeite

O cirurgião que nos muda os olhos
O cura que não se importa

O guarda livros não raciocina
São Paulo não perdoa

Tenho a doença do baile de S. Vito e não me
passa

Tenho a doença do baile de S. Vito e não me
passa.

Este é o mal que carrego há trinta anos
Não sei estar parado em nenhum lugar
Rola rola o pedregulho
Rola para cima de alguém, rola abaixo
E o musgo não cresce sobre a pedra
E o musgo não cresce sobre a pedra.

Afugenta afugenta Satanás
Afugenta o diabo que te passa.
Os nós dos dedos consomem-se
Eis que começam os tremores
Da taranta, da taranta
Da tarantulada...

Letra e música: Vinicio Capossela
Edições: blue team music edizioni musicali /
l'alternativa edizioni musicali

O que é o amor

O que é o amor?
Pergunta ao vento
Que açoita o seu lamento na gravilha
Do caminho do pôr do sol
À rede gelada
Que perdeu o seu gazebo,
Ao uivar na estação sombreada
Pelo lampião são “souci”.

O que é o amor?
Pergunta à porta
À porteira negra
E ao seu romance rosa

Que desfolha sem parar,
Ao cumprimento respeitoso
Do peruano bamboleante,
Que inclina a cabeça
Ao brilho da sétima Polar.

Ai, permite menina?
Sou o rei da taberna
Volteio cacarejando
Sob as luzes
Do arco de São Roque.
Mas encoste-se à vontade
Até ao nascer do sol lívido de neveiro
Que nos seca e nos consome.

O que é o amor?
É uma pedrinha no sapato
Que pica o passo lento de bolero
Com a amazona estrangeira
A apertar por fingimento
Uma cavaleira estranha.
É o ritual de todas as tardes
Perdido no calor dos “pois” de são “souci”

O que é o amor
É a Ramona que entra em campo
E como um grande golpe de sorte
Abana e sacode com violência.
Tem saltos altos e rabo rebaixado
A barriga nua. Saracoteia,
Abana a cabeça como uma possuída,
Com o consentimento
De sua amiga de confiança.

Ai, permite menina?
Sou o rei da taberna
Vampiro do vinhedo
Larápio na cozinha
Sou monarca e sou boémio
Se esta é a miséria
Atiro-me nela
Com dignidade de rei

O que é o amor
É uma morada na cómoda
De um lugar no ultramar
Que está longe
Só antes de chegar
Partida, partiste
Encontro-me atirado
Para meu mal
No círculo antigo
Aqui danado
Entre os infernos dos bares.

O que é o amor?
É o que fica
Para se repartir e brigarmos no crivo
Da penúltima hora
Algum Ester de Ravarino
Permito-me salvar
Ao seu destino
Da rulote gelada
Dos imigrantes fanáticos
Do bando são “souci”

Ai, permite menina?
Sou o rei da taberna
Vampiro do vinhedo
Larápio na cozinha
Sou monarca e sou boémio
Se esta é a miséria
Atiro-me nela
Com dignidade de rei

Ai, permite menina?
Sou o rei da taberna
Volteio cacarejando
Sob as luzes do arco de São Roque
Sou monarca e sou boémio
Se esta é a miséria
Atiro-me nela
Com dignidade de rei

Nota: a expressão “são souci” (san souci) é um jogo de palavras com expressão francesa “sans souci” (despreocupado).

Letra e música: Vinicio Capossela
Edições: blue team music edizioni musicali /
l'alternativa edizioni musicali

MEDUSA *chachachá*

Pss bonitinho... já te pisquei o olho
Chega-te aqui...

Fecha os olhos e vem cá
Aqui,
Aqui, faz-me um chachachá!

E dança o chachachá da medusa.
Quem já experimentou não pára
Dança agora não tens desculpas
Se não danças torno-me antipática
Abacadabra-me, meu tesouro
E vem cá
Mesmo aqui
Faz-me um pouco de chachachá

Gosto de rapazes, mas do tipo um pouco ciumento.
Colou-me na cara este olhar odioso
Fascinante mas defeituoso
Quem me olha não sabe,
Não sabe, não sabe
Mas torna-se num banana!

Não sou um monstro, não sou venenosa
Somente um pouco nervosa

Esta manhã sinto-me eléctrica
E se me tocares serei fantástica...
Quantos rapazes quero abrachachachá

E dança o cha cha da medusa
Estou despenteada, estou confusa
Pos-me uma áspide em cada cabelo

E agora na cabeça sinto-me um Zoo!

Não me olhes, não me olhes
Nos olhos por favor,
Já te gelei o coração?
Os olhos não, os olhos não...
Oh meu Deus, mais um banana!

Tocar mas não olhar
É uma boa regra para se aprender
Fecha os olhos, deixa-te abraça-cha-cha

Não me irrites, deixa-te tentar
Por este cha cha tentacular

As serpentes são uma desculpa
Se não danças, serei antipática
Porém sempre formosa,
Mas...generosa
Medusamente meiga...

E dança o cha cha com a medusa
Quem já experimentou não pára

Salta pr'aqui meu tesouro
E vem cá
Mesmo aqui, aqui mesmo
Faz-me um pouco de chachachá

Não me olhes, não me olhes
Nos olhos por favor
Só bei-só bei-só bei-cha-me querido

Eis um outro que caiu
E nem sequer me beijou
E ficou congelado
Oh mãezinha mãezinha o que devo fazer
Terei que abraçar mais outra pedra!

Não sou um monstro, não sou venenosa
Somente um pouco nerbiosa...

Já chega
Quero um homem verdadeiro
Que não me olhe
Que não seja sincero...
E um dia ele chegará
Tenho a certeza
E não terá medo
Agarrar-me-á pelos cabelos
E será uma festa
Sinto que perderei, sinto que perderei...
Sinto que perderei a cabeça...
I Donna Wonna, Donna Wonna
Abra-cha-cha ANYMORE...

CHACHACHÁ CHAU!!

Os pianos de Lubeca

Uma noite no canal de Lubeca
Numa velha fábrica de pólvora
Para tiro
Ali jazem no pó amontoados
Os velhos pianos
Abandonados desde a guerra
Como cães sem dono
Em sentido como velhos
Mordomos
E naquelas caixas surdas e empoeiradas
Jaz o silêncio
De milhões de canções

Mas uma noite como por encanto
Um velho Duysen disse para o piano que
Estava ao seu lado,
Os seus pés juntos a outros pés
Mais torneados aproximou
E baixinho docemente murmurou:

“Senhora Blutner
Não fique a pensar
O que passou
Já não volta

Se conseguirmos encantar todos...
Agora ao encanto
Ceda o seu coração...

Se as cavilhas afrouxaram
E aqueles nocturnos já não se tocam
Toca de leve no meu teclado
Pega os meus beijos
E ao encanto
Ceda o seu coração...”

Se as cordas afrouxaram,
E o tempo já não mantém mais
Duas notas juntas,
Esqueçamos também nós o que já foi
Esqueçamos duma vez o passado.

Toque para nós mister Kaps uma “berceuse”
No piano de rolos,
O príncipe Steinway
Os ingleses com a baioneta!
Chilreia a espineta!
A balalaika russa do hussardo Petrov!

(Instrumental)

“Se as cavilhas afrouxaram
E aqueles nocturnos já não se tocam
Toque de leve no meu teclado
Agarre aqueles beijos
Que me fazem sonhar

Senhora Blutner
O que lhe parece
O que já passou, passou
Não voltará
Se conseguirmos
Encantar todos...
Agora ao encanto
Ceda o seu coração...”

E ao encanto cedo o meu coração

Na chuva

Na pe-
Na pe-
Na pele e sobre nós
Caem pérolas esta tarde
Os reclames desenharam amantes
Nos vidros banhados de vapor

Na chu-
Na chu-
Na chuva que está caíndo
Os cães não encontram os donos
E toca a orquestra graças a uma ficha
E os chineses nunca fecham as lojas

Escondidos na noite
Partem os comboios de hora a hora.
Partem mas
Nós não partimos.
É um disco de tinta e de cera
Na estrada
E nos sulcos soam as solas

Caminhando, caminhando
Cai a chuva...
A pianola, a pianola
Varre a noite
Os guarda-chuvas aparecem nas esquinas

Na chu-
Na chu-
Na chuva que está
As rosas não seguem as luvas,
Regressam em ramos ambulantes
Onde dormem os eléctricos

Esta chu-
Esta chu-
Esta chuva é para nós
E brilha como o ferro e os trilhos
Rasgam o tecido e as horas
Os ponteiros dos grandes relógios

Escondidos na noite
Partem os comboios de hora a hora
Partem
Mas nós não partimos
Os guarda-chuvas aparecem nas esquinas
E agarrados a eles
Voamos também nós

Roda, roda
Roda a chuva
A pianola, a pianola
Varre a noite
Pequeno pequeno é o céu
E grande
Demais para nós

Não Regatear

Não regatear
Não regatear... A tua fé não regatear

Não regatear.
Não te despedaces
Ou o pecado torna-te mortal
(e mantém a unidade).
Não matar
A não ser em meu nome
Ou o sangue que derramaste recai sobre ti
Não regatear...
Não parar
Tem cuidado com o temor.

Se não pedes não te será dado
Se não procuras não encontrarás

Não saiba a tua direita
O que faz a tua esquerda
Não deites as tuas pérolas aos cães
Ou a quem não vê
Para que não te despedace.
Por amor, será devorado

Aquele que ao amor se der como pasto
E na Babilónia a grande prostituta
Que bebeu do sangue dos profetas

Osso por osso
Dente por dente
Ímpio por ímpio
Dispersa-os o vento
Eis o ímpio
Que se aproxima
Inchado de orgulho,
Cabeludo como um cedro do Líbano

Olha-os Senhor!
Ladram como cães
Vêm de noite
Estão todos à volta da minha casa
Mas tu que és a minha força e a graça
Sê Tu a minha rocha
Arma do meu braço
No Teu amor me farás avançar
Destrói-os Senhor
Senhor dos exércitos,
Destrói os meus inimigos
Como eles me destroem.

Sejam apanhados pelo laço
Da sua soberba
Sejam como caracóis
Que se gastam caminhando.
Parte os seus dentes
Que não vejam mais o Sol
Como aborto de mulher
Não vejam mais a luz
Atinge-os dispersa-os
Até que no sangue do ímpio
Lavarei os pés

Assim o anjo apanhará a vinha
Na dorna da ira.
Ali a esmagará.
Ali a vindimar.

Até que o sangue chegue à dentada
Para 40 000 côvados, 60 000 “stasimi”
Queimarão no lago de enxofre
A cidade da glória não será
Para quem não acreditou.

Por isso não regateiem
Não regateiem
A tu fé não a regateies

E no entanto
Nos dias que contaste,
No vazio debaixo do sol
No vazio debaixo do sol,
A golpe de dentadas de burro
Defenderás o teu coração

Onde ficamos em terra NUTLESS

Onde é que ficamos em terra,
Nutless?
Onde
O disparo e o boato?
Onde a estrada,
Onde nós?
E a noite chega depressa
Demasiado depressa
Para poder ir
Onde é que
Ficámos...

Onde é que ficamos sós...Nutless
Onde é que as paredes
Se fecharam à nossa roda?
Paredes que tínhamos construído,
Na areia
E para a areia;
Talvez por estar
Ao alcance da onda...

Toda esta clandestinidade

Onde é que nasceu?
Este ir para a cama cedo... quando é que começou...
Podíamos ir às meninas ou lá abaixo à praia,
Mandando limpar toda esta seriedade
Esta lealdade...
Toda esta proeza...
E depois no sábado ir ao hipermercado fazer
despesas...

Lançar-nos com os dois pés
Numa piscina de “Campari”...
Abater a noite
Com rajadas de Cordon Rouge
“I see friends shaki’n hands”...
Oh what do you do
They’re really saying
Shabidubidu...

Onde é que cedemos ao sono...
Ao vapor, à cozinha, ao calor, à televisão
...tu numa cama, ela noutra...
Onde os clarões
Vistos de fora ao longe
Na ponta do pincel...
Napoleão inteiro
Pintado num botão...

Querida o que fizeste hoje
E tu o que fizeste?
Querida o que fizeste...
Até que se rebenta, faz-se Bum
BUM BUM BUM!

Vês agora
O que aconteceu...Nutless!
Tivemos que chamar, para o campo, os
veteranos,

Aqueles que pensavam
Ter participado numa grande batalha.
E pelo contrário, eis-nos todos montados
Allez... All’attaque!!
All’Attaque!!

As fontes de Berlucchi
As cascatas de cravos...
They are really saying
...I love you

E quando nos formos todos embora,
Nutless
Será quando o ar estiver mais perto do céu.
Vigiarei para sempre,
Para ver
O brilho de perto
Até que apanharemos
Antecipadamente a manhã

Agora já não é tarde
Já não será mais tarde...
Agora já não é tarde

Moska Valza

Lichiu Venecka Lichiu...
Harasciò harasciò harasciò harasciààà
4,3,2,1 pajehali!!!!

Moska valza, moska na Vodka
Vodka na Vaska, vaska na Moska...
Megalopolis

Para a Ásia, levantam voo
As cúpulas de ouro
Woland que desaparece
Nos bancos de Arbat
Libélulas que zumbem
As pontas fazem de carrilhão no veludo do
Bolscioj!
Bolscioj! Bolscioj!

Lenine como uma múmia,
Sepultado dentro do mármore
Rubi do Kremlin,
Mavskosky faraó!

Os dentes de Staline
Mordem a noite
Torres babilónicas
Fazem de tochas no céu,
Nos tálamos pendurados
Do Hotel Ararat

Ribombam nas cúpulas
As norma dos czares!! Zar!!

Nas criptas das discotecas
Partem-se os zar zar tar tar

Two Rome are fallen
Citvortaja nie budiet...
Busgatov sigtagatov
4,3,2,1... (c'tirie, tri,d'va,adin...) pajehali

Gagarin no espaço
Sovietsky superman
O cosmo dentro do capacete
Vai passear de sojouz

Olhos de matrisoka
Sonho ser suprematista
Sorriso de ginasta
Sorriso socialista
Chega até ao céu
A eterna primavera
Starajo starajá
Davai tavarish, davai!!!!
...onde voam as cegonhas...
Vitosky deixou as cozinhas
Na cabeça tem como auréola uma guitarra
Majakowsky espalhou para o chão o cérebro
Piotor reina agora numa caravela

A zigulí acabou
Kurkskaja in rimont

Idi venecka idi

Sibirskaja korona
Staraj a' maskva'
Moskaskaya cristall
Kakaya trassata'
Inimiedlina vipiò

Das novas catacumbas
Megalopolis euro-asiatica
Dos cuniculos eléctricos
Dos ornamentos colossais
Escadaria dínamo
Respiração de 1 milhão
Impluma-se nos saloons
A cheia do povo

Nas novas catacumbas
Esperam a bomba
Russian roulette Metropolitano

Cecenzi ciorni
Uzbeky ciorni
Grusinzi ciorni
Ariani ciorni
Cavkavki ciorni, ciorni crna scopi
Propiska niet
Milizia control-----spasiba
Spasimba BUM BUM!!

Tudo numa noite, tudo é a última noite
Paraíso artificial
Aberto 24 horas
Tudo numa noite, tudo é a última noite
Chupamos a noite
As vampiras da night fly
Two hundred dollars
Ter sexo a sério
Sobre os visons dos tártaros
Nos tálamos pendurados
Ter sexo a sério
3 hundred dollars
Ter sexo a sério
4 hundred...

4 3 2 1 pajehali

Moska valza, moska na Vodka
Vodka na Vaska, vaska no Volga...
Volga na moska
Ahi ahi ai ai
Com o seu colbaque preto...
Ahi ahi ai ai
Pajehali

Tradução:



Agradecimento:
Teatro Nacional de São Carlos

PRÓXIMO ESPECTÁCULO
MÚSICA SÁB 17 NOVEMBRO

Ensemble Ibn Harabi

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M/6

O sufismo surgiu no século IX, na Mesopotâmia, e incarna a dimensão mística do Islão. É uma via iniciática para aceder a um conhecimento pessoal e experimental do divino, uma fusão do temporal no intemporal, do material no imaterial, do humano no divino. É um caminho que se faz em comunidade, sob a orientação de um mestre (*sheik*) que já percorreu todas as fases da viagem interior. As práticas sufistas utilizam rituais, individuais ou comunitários, em que a música, a poesia e a dança têm um importante papel como expressões do desejo da alma se aproximar de Deus.

Foi a partir da *zaouia* (lugar de reunião dos sufis) Siddiqia, em Tânger, que se constituiu o Ensemble Ibn Arabi, que tomou o seu nome do de um dos maiores sufis da história, nascido em Múrcia, Espanha, em 1165.

A música que praticam tem as suas raízes na “Espanha das três culturas”, reclamando uma herança árabe andaluza que continua em Marrocos. Os seus cantos utilizam poemas de grandes figuras do sufismo – Ibn Arabi, naturalmente, mas também Rabia



al-Faridh, Sidi Mohammad al-Harrak, Omar Ibn al-Faridh, ou outros cujos nomes a nós, europeus não islâmicos, pouco ou nada dizem, mas que são fundamentais na história do misticismo sufista. O Ensemble é dirigido musicalmente por Ahmed El Kheglin. Para além de ser responsável e apresentador de um programa de rádio de grande notoriedade sobre músicas e cantos sufis através do mundo, escreve sobre o tema para várias revistas literárias ou universitárias, dá conferências na Europa e no Mundo Árabe, apresenta-se com o seu Ensemble em dezenas de festivais e de concertos, sobretudo na área mediterrânea.

Este é o último concerto integrado no ciclo Os Filhos de Abraão que ao longo deste ano a Culturgest foi apresentando. Também neste caso escolhemos música rara. Rara pela sua beleza, pela sua espiritualidade, mas também por estar longe dos estereótipos que muitas vezes construímos sobre as “outras” músicas, como a música árabe.

INTEGRADO NO CICLO 'OS FILHOS DE ABRAÃO'

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55
WWW.CULTURGEST.PT
Edifício Sede da CGD
Rua Arco do Cego
1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

Manuel José Vaz

VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

VOGAL

Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES

DANÇA

Gil Mendo

TEATRO

Francisco Frazão

ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

EXPOSIÇÕES

PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

MONTAGEM

Fernando Teixeira

CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

Joana Gonçalves ESTAGIÁRIA

Judite Jória ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E FINANÇEiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

DIREÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

DIREÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

ASSISTENTE DE DIREÇÃO CENOTÉCNICA

José Manuel Rodrigues

AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE

Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Coelho

FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha



**Caixa Geral
de Depósitos**